

La Comédiathèque

Nem sempre
a música

amansa
as feras

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

Nem sempre a música amansa as feras...

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

O Senhor e a Senhora Trompete acabaram de comprar o castelo em ruínas de Casteladrão e convidaram a alta sociedade local para um concerto. Esperam assim serem aceitos como membros do muito exclusivo Clube Filantrópico da cidade. Mas logo a cabeça do pianista aparece boiando na piscina. E pensar que mal estamos nos aperitivos...

Personagens

João Trompete
María Trompete
Samantha Trompete
Edmundo Ribeiro da Prata
Vitória Ribeiro da Prata
Gustavo Ribeiro da Prata
Gregory Badmington
Concha Badmington
Renata Kowalski
Fátima
José
Bandoleão
Trufaldinho
César
Rosália
Ramos
Santos

De 14 a 17 atores

Renata, Bandoleão e Trufaldinho podem ser interpretados por atores que tenham outro papel.

Fátima, Bandolim, Ramos e Santos podem ser interpretados por homens ou mulheres.

Distribuições Possíveis:

14 – 9H/5M, 8H/6M, 7H/7M, 6H/8M
15 – 10H/5M, 9H/6M, 8H/7M, 7H/8M, 6H/9M
16 – 11H/5M, 10H/6M, 9H/7M, 8H/8M, 7H/9M
17 – 11H/6M, 10H/7M, 9H/8M, 8H/9M, 7H/10M, 6H/11M

© La Comédiathèque

Pátio de um castelo em ruínas. João e Maria Trompete, elegantemente relaxados, mas verdadeiramente vulgares, estão sentados num banco, olhando para o vazio. Ouve-se o sino da igreja a bater sete vezes no campanário.

María – São sete horas.

João – Sim... Talvez...

María – Não ouviste?

João – Ouvi os sinos. Mas como podemos estar absolutamente certos de que são realmente sete horas?

María – Mas se tocaram sete vezes no campanário da igreja de Casteladrão?

João – Isso não prova nada.

María – Como assim não prova nada?

João – Pode ser um erro.

María – Como é que a igreja se poderia enganar quanto a isso?

João – A igreja já se enganou muitas vezes...

María – Em todo o caso, nunca se enganou quanto à hora atual! O campanário será sempre para as almas duvidosas o que o farol é para os marinheiros na tempestade...

João – Se tu o dizes...

María – Para um bom cristão, a hora é a hora. E quando soam sete badaladas no campanário de Casteladrão, é porque são sete horas.

João – Isso é o que se chama de fé cega.

María – Se tu o dizes...

João – Fé cega, faça nas costas.

María – A verdadeira fé cristã não é ter a certeza de que os sinos tocam à hora certa. É acreditar que a hora certa é quando os sinos tocam.

João – De qualquer modo, vou verificar no meu telemóvel de última geração.

Olha para o ecrã do seu telemóvel.

María – E além disso, conhecemos o padre afinal.

João – Sim... Precisamente...

María – É verdade que há muitos rumores sobre ele...

João guarda o seu telemóvel.

João – Em todo o caso, são sete horas.

María – E nenhum dos nossos convidados chegou ainda... Achas que virão?

João – A que horas pusemos nos convites?

María – Às sete.

João – Ninguém chega às sete para um convite às sete.

María – Não?

João – Na alta sociedade, isso não se faz. Além disso, não tenho a certeza de que seja apropriado convidar as pessoas para as sete...

María – Achas?

João – Chegarão por volta das sete e meia.

María – É só um aperitivo, afinal. Não vão chegar às onze da noite.

João – E por que é que não os convidámos para jantar?

María – Um aperitivo soa menos assustador do que um jantar. Os nossos convidados são pessoas de qualidade. Têm uma ideia muito específica do que significa ter uma boa noite.

João – Tens razão. Ao ver a palavra aperitivo no convite, pensarão – se for aborrecido até à morte, não seremos obrigados a ficar...

María – A esta gente não basta servir-lhes um copo de sangria e grelhar umas salsichas no churrasco para que nos digam ao sair – tivemos uma boa noite.

João – E além disso, não podemos pretender organizar um jantar na cidade. Não somos membros do Clube Filantrópico de Castelaodrão.

María – Ainda não, infelizmente. E esse é todo o objetivo desta noite – encontrar um padrinho que nos admita nessa prestigiada instituição casteladrense.

João – Casteladrense, achas?

María – Como se chamam os habitantes de Castelaodrão?

João – Os Castelaodrões?

María – Quem sabe...

João – De qualquer forma, se tivéssemos escrito "jantar" no convite, ninguém teria vindo.

María – É óbvio.

João – Ainda não estamos qualificados para jantares na cidade...

María – Na verdade, só escrevemos "Aperitivo" e ninguém está aqui...

João pega num convite e olha para ele.

João – Ah, acho que há um pequeno erro tipográfico. Em vez de "Aperitivo", diz "Operativo". Vê...

María – Ah sim, tens razão... De qualquer forma, é quase a mesma coisa. Em Operativo ouve-se "ópera". E já que, além do catering, pagamos a um pianista.

João – Nisso não poupamos. Fizemos as coisas bem feitas.

María – E além disso, recebemos eles no nosso castelo.

João – É verdade. Percebes? Agora somos os felizes proprietários do castelo de Castela-drão.

María – Ainda há um pouco de trabalho para torná-lo habitável, mas tudo bem. É verdade, afinal. Os Senhores do Castelo somos nós.

Samantha, sua filha, chega com uma aparência punk ou gótica.

João – E aqui está a nossa princesa...

María – Enfim, Samantha, podias ter feito um esforço com a tua aparência para os nossos convidados... Parece que acabaste de sair de um filme de zumbis.

Samantha – Quando é que comemos?

João – Logo após o aperitivo.

María – E depois do concerto.

Samantha – O concerto? Suponho que não é rap. O que é, um grupo de jazz?

María – É um tenor de primeira categoria, que veio especialmente de Madrid no comboio de alta velocidade.

João – Custou-nos os olhos da cara.

María – Ele vai cantar algumas grandes árias de ópera acompanhado ao piano.

Samantha – Ah sim... Então, não vamos comer cedo, certo?

João – Trata-se de sermos admitidos na boa sociedade de Castela-drão, Samantha.

María – Ao nos tornarmos membros benfeitores do Clube Filantrópico de Castela-drão.

João – O piano e a ópera são muito apropriados para nos lançarmos no mundo, querida.

María – E por que não aproveitar para encontrar um marido de boa família?

Samantha – Um marido... Sinto que estou a atuar numa peça de teatro de boulevard do final do século XIX.

João – E no entanto, estamos no início do século XXI.

María – Pelo menos tu podes sempre esperar mudar de nome quando te casares...

Samantha – Trompete... É verdade que um sobrenome assim faz-te querer casar com o primeiro que aparece.

María – Nunca consegui habituar-me à ideia de me chamar Senhora Trompete.

João – O que queres, Maria? Esse era o nome dos meus pais, e antes deles, dos meus avós, e antes deles...

María – E não te culpo, João. Mas é um facto que não se convida pessoas chamadas João e Maria Trompete para o mundo. A menos que sejam realmente muito ricos.

João – Ou que deem recitais de ópera.

Samantha – Mas nós somos ricos! Até temos um castelo!

María – Sim... Um castelo em ruínas...

João – Mas um castelo classificado!

María – Além de teres um nome difícil de carregar, o teu pai herdou dos pais uma fábrica de salsichas. Mas João Trompete não é precisamente Bill Gates. Não podemos dar-nos ao luxo de esbanjar dinheiro.

Samantha – Se ao menos tivéssemos janelas...

João – Tudo isto custa uma fortuna, querida... E não vamos colocar janelas de PVC na fachada de um castelo onde, dizem, o rei Filipe IV passou uma noite.

María – Na nossa própria sala, percebes, Samantha? Filipe IV!

Samantha – Ah sim, aliás, queria dizer-vos – no meu quarto chove. Felizmente tenho uma cama com dossel... Mas se isto continuar, vou precisar de uma tenda de campismo.

João – Está bem. Vou chamar o telhadista assim que tivermos pago o catering.

María – E o caché deste músico caríssimo.

Samantha – Como se chama esse virtuoso?

João – Frederico Bandoleão.

Samantha – Bandoleão e toca piano?

María – O teu pai chama-se Trompete e vende salsichas.

João – E estas salsichas tornaram-nos ricos.

María – Por falar nisso, querida, convidamos o Senhor e a Senhora Ribeiro de Prata. E acho que virão com o filho deles, Gustavo...

Samantha – Gustavo? E o que...?

João – Ele está a estudar medicina em Madrid, mas está de férias com os pais neste momento.

Samantha – Medicina...?

João – Ele quer ser médico legista.

Samantha – E isso é o que chamam de um bom partido? Vá lá, vou-me embora...

María – E por favor, querida, veste-te um pouco mais elegante para receber os nossos convidados.

Samantha – Está bem. Chamem-me quando estiverem aqui. Vamos ver se o peru está ao gosto deles...

Samantha sai.

João – Planeaste um peru?

María – Não...

João – Pergunto-me se não havia uma mensagem subliminar...

María – Percebes que ao casar com o Gustavo, a nossa filha tornar-se-ia a Senhora Ribeiro de Prata? Talvez um dia até venha a ser baronesa...

João – Sim... Mas pergunto-me se fizemos bem em chamá-la Samantha...

María – Porquê?

João – Não sei... Senhora Baronesa Samantha de Ribeiro de Prata...

María – Gostava mais de Jennifer.

João – De qualquer modo, este concerto dará aos Trompete o toque cultural que lhes falta para serem aceites na boa sociedade de Casteladrão.

María – O problema com a música clássica é que não é barata.

João – Espero que pelo menos este tipo cante afinado e toque bem piano.

María – Garantiram-nos que é um virtuoso, não foi?

João – Temos de acreditar neles... Porque eu, na verdade, não percebo nada de música clássica...

María – Hoje em dia, a maioria dos nobres está arruinada... São obrigados a vender os seus castelos para não acabarem a trabalhar.

João – Pelo menos permitiu-nos comprar o nosso não muito caro.

María – Infelizmente, João, temos de reconhecer que não temos a aparência nem as maneiras de verdadeiros senhores de castelo.

João – É verdade, Maria. Temos de ser realistas. Os Trompete ainda não têm todas as qualidades necessárias para brilharem na sociedade. Por isso, se queremos convencer alguém a patrocinar a nossa candidatura para o Clube...

María – E encontrar para a nossa Samantha um marido com mocassins com borlas e um título nobiliário...

João – Teremos de entreter toda esta gente para esperar que fiquem para lá do aperitivo.

María – Felizmente, encontrei a solução.

João – Ah sim?

María – Convidei o Trufaldinho.

João – Trufaldinho?

María – Sabes, esse pintor de quem os Perinhão nos falaram.

João – Os Perinhões?

María – Dom Perinhão. Vive naquela vila de estilo greco-romano à saída da cidade.

João – Não estou a ver...

María – Mas sim, sabes bem. É o Trufaldinho quem lhes pintou aquele trompe-o-olho no fundo da piscina deles.

João – Ah sim, agora vejo... Uma reprodução do teto da Capela Sistina...

María – Exatamente. Bem, parece que este Trufaldinho é muito divertido.

João – Ah sim, parece...

María – É uma pessoa muito inteligente e de uma imensa cultura. Pelo menos segundo Dom Perinhão.

João – Espero que pelo menos cobre menos que o pianista.

María – Ah não, ele faz isso de graça. Na minha opinião, nem sequer sabe que as pessoas o convidam apenas para animar as suas noites mundanas. Tivemos sorte que estivesse livre, porque é muito requisitado. Há tantos jantares na cidade.

João – Já vejo. Em resumo, estes jantares de Casteladrão são o oposto do jantar dos malas.

María – Como assim?

João – Convidamos este Trufaldinho porque é espirituoso. E nós é que somos os malas...

María – Sabes, este tipo foi assistente de Dalí.

João – Não? Aquele que tinha aqueles grandes bigodes e fazia publicidade ao chocolate?

María – Dizem até que o Trufaldinho pintou a maioria dos quadros do Mestre. O velho Dalí só assinava.

João – Não?

María – Segundo a Senhora Dom Perinhão, nos quadros de Dalí, só a assinatura é verdadeira.

Fátima chega, como maître d'hôtel. Grande vestimenta, postura perfeita e ar cerimonial, mas de forma ambígua (o personagem pode ser interpretado por um homem ou uma mulher).

María – Ah, Fátima. Então, os nossos primeiros convidados já chegaram?

Fátima – Não, senhora. Mas o Senhor Bandoleão ligou. Disse que vai chegar um pouco atrasado...

João – Muito bem, Fátima. Ele disse porquê?

Fátima – O comboio de alta velocidade teve um incidente com um passageiro ao sair da Estação de Atocha, em Madrid.

María – Um incidente com um passageiro... percebo... É o que dizem quando um candidato ao suicídio é cortado ao meio por uma locomotiva...

João – Caramba... Ele não podia ter escolhido outro dia para se suicidar, esse idiota...

Fátima – Ah, o Senhor Bandoleão também informou que não poderá ficar muito tempo.

María – E porquê isso?

Fátima – Porque também o esperam na casa da Senhora Kowalski.

María – Mas, Fátima, o que faria o Senhor Bandoleão na casa dos Kowalski?

Fátima – A senhora não sabe? Os Kowalski também estão a dar um aperitivo musical hoje. A Senhora Kowalski, aliás, perguntou-me se eu poderia fazer um extra na casa deles esta noite...

María – Esta noite?

João – A cabra...

Fátima – Até propôs dobrar o meu salário pela noite.

María – E recusaste deixar-te corromper, Fátima. Bravo! Estaremos sempre gratos. Não é assim, João?

João – Dado o que já nos custa esta festa, não posso dar-te um bónus, mas... (*Procura nos seus bolsos.*) Aqui. Comprei um bilhete de lotaria esta manhã. (*Entrega-lhe o bilhete.*) É para ti. Mesmo que seja um bilhete premiado. A sorte favorece os audazes, Fátima...

María – E cem por cento dos vencedores tentaram a sua sorte!

Fátima (*pegando no bilhete*) – Obrigada, senhor.

María – Podes ir, Fátima.

Fátima – Muito bem, senhora.

Fátima sai.

João – Ainda não percebo por que esta criada se veste como um homem.

María – Porque a contratámos como maître d'hôtel, João.

João – Kowalski... soa-me familiar...

María – Foram eles que compraram o outro castelo de Casteladrão...

João – Certo. Kowalski... Também têm uma filha para casar?

María – Um filho... Mas é muito mais grave que isso...

João – Mais grave?

María – Acho que os Kowalski também estão à procura de um padrinho para o Clube Filantrópico de Casteladrão.

João – Não? Mas é impossível! Os Kowalski! Com um apelido desses?

María – Lembra-te que o nosso é Trompete...

João – Pelo menos é um apelido daqui.

María – Seja como for, só há uma vaga disponível para receber um novo membro no Clube.

João – Achas que os Kowalski poderiam ter a ideia de nos tirar isso?

María – Não me surpreenderia dessa gente... Só lhes interessa o dinheiro! Se querem fazer parte do Clube, é para obterem do presidente da câmara a autorização para transformar o seu castelo classificado num hotel de 4 estrelas e fazerem do parque um campo de golfe de 18 buracos.

João – Não? O presidente da câmara faz parte do Clube?

María – Ele é o presidente!

João – Convidaste-o também, espero?

María – Claro! Aliás, organizámos este concerto em sua homenagem primeiro!

João – Sim, parece que ele gosta muito de música.

María – A cabra... Achas que depois de tentar roubar-nos a criada, os Kowalski se atreveriam a subornar o mesmo virtuoso que nós?

João – Bandoleão... Esse sacana provavelmente espera fazer dois shows na mesma noite.

María – Kowalski... Como confiar nessa gente? É um pesadelo...

João – E se os Kowalski tivessem a desfaçatez de convidar também os Ribeiro da Prata?

João – Bem, isso já não me surpreenderia tanto. Aliás, entre nós, parece que os Ribeiro da Prata estão completamente arruinados. Comem em todos os casamentos...

Fátima volta.

Fátima – O Senhor Trufaldinho acabou de chegar, senhor. O que devo fazer com ele?

María – Faça-o entrar!

Fátima sai.

João – Pelo menos, Trufaldinho está aqui. Vamos rir um pouco.

Trufaldinho chega, vestido de bobo da corte.

Trufaldinho – Senhor Trompete. Senhora, meus respeitos...

João – Bom dia, Trufaldinho... Sua reputação o precede, falaram muito bem de você...

Trufaldinho – Gostaria de lhe assegurar o mesmo, mas infelizmente nunca ouvi falar de você, senhor Trompete.

João – Eu fabrico salsichas sem marca para distribuição em grande escala.

Trufaldinho – Deve ser por isso que desconheço o seu nome... Na verdade, fiquei bastante surpreso ao receber seu convite, e agradeço muito. Fiquei muito comovido.

João – Mas é claro, Trufaldinho. E me chame de João, por favor!

Trufaldinho – Boa noite, senhora Trompete.

María – Se me permite, prefiro que também me chame de María.

João (*observando o traje de Trufaldinho*) – Diga-me, meu caro amigo... É verdade que o convidamos para entreter nossos convidados enquanto esperamos pelo concerto, mas você tem certeza de que não exagerou um pouco?

Trufaldinho – É um aperitivo-concerto? Pensei que fosse uma noite de disfarces...

María – Uma noite de disfarces?

Trufaldinho – Como no cartão estava escrito "Operativo"...

María – Então você veio como bobo da corte.

João – É engraçado...

María – É apenas um mal-entendido, mas não importa.

Trufaldinho – De qualquer forma, é gentil da sua parte me convidar. Estou tão deprimido neste momento. Com o que está acontecendo comigo...

João – O que está acontecendo com você, meu amigo?

Trufaldinho – Minha esposa acabou de me deixar.

María – Ah, ah, ah, muito engraçado!

João – Não tem preço, não é? (*Vendo pela expressão de Trufaldinho que não está brincando*) É sério?

Trufaldinho – Sabia que acabaria assim tarde ou cedo, mas... ainda esperava um milagre... Estávamos prestes a comemorar nosso aniversário de casamento, sabem?

João (*baixinho para María*) – Tem certeza de que é o Trufaldinho certo?

María – A primeira coisa que te ocorreria se alguém te falasse de um Trufaldinho que vive em Casteladrão seria perguntar-te se poderia haver dois, certo?

João – Tentarei descobrir discretamente... E a pintura, meu amigo, como vai nesse momento? Porque se for como a salsicha...

Trufaldinho – Pintura? Ah sim, tem razão. Eu poderia repintar minha casa. Isso mudaria minha cabeça. Conhece um bom pintor?

João – Então, você não é pintor.

Trufaldinho – Pintor? Que ideia estranha. Não... Sou contador.

María – Oh não... João... Um contador... A noite está arruinada... O que pode ser mais deprimente que um contador?

João – Não sei... Um informático ou um dentista?

Fátima volta.

Fátima – Os primeiros convidados dos senhores acabaram de chegar.

João – Os primeiros convidados? Quem são?

Fátima – Não perguntei... Devo fazê-lo?

María – Apresente-os, Fátima, apresente-os. É uma catástrofe...

Chegam Edmundo e Vitória de Ribeiro da Prata, precedidos por Fátima que os anuncia com pompa.

Fátima – O senhor Barão Ribeiro da Prata e a senhora Baronesa.

João – Pelo menos, esses não estão na casa dos Kowalski... Mas entrem, por favor.

Vitória – Permitimo-nos trazer nosso filho, Gustavo.

João – Ah sim, Gustavo, muito bem.

María – Mas o que fizeram com ele?

Vitória – Está estacionando o Bentley. Sabem como são esses carros, muito confortáveis, mas muito difíceis de estacionar...

Edmundo – E infelizmente, já não temos os meios para permitir-nos um verdadeiro motorista com um boné.

Vitória – Um tipo que ficaria entediado durante toda a noite nos esperando no carro no estacionamento enquanto nos empanturramos com seus petiscos.

María – Sim, é crise para todos.

Vitória – Para nós, a crise começou em 1789 com a Revolução Francesa... quando guilhotinaram Luís XVI, que era um de nossos antepassados em linha direta.

Edmundo – O início do fim dos privilégios para a nobreza na França...

Vitória – E em toda a Europa...

María – De qualquer forma, fizeram bem em trazer seu filho. Nossa filha Samantha ficará encantada em conhecê-lo...

Edmundo – Vocês têm um belo castelo, Senhor Trompete. Um castelo que me parece muito familiar. Até que saiu da família...

João – Sim, esse monte de ruínas me custou uma fortuna, mas acho que fiz um bom negócio.

María – Mas nós não sabíamos que...

Vitória – Infelizmente, agora só o possuímos em pintura...

Edmundo – Vocês não sabiam que ele pertencia aos meus antepassados?

João – Bem, não, eu não sabia...

María – Nesse caso, cabe a você reintegrá-lo ao património de sua família...

Vitória – Interessante...

María – Afinal, temos filhos da mesma idade e de sexos diferentes...

João – E além disso, somos vizinhos!

Edmundo – Isso apenas prova que podemos ser vizinhos e não ser do mesmo mundo...

Vitória nota Trufaldinho.

Vitória – Mas ainda não nos apresentaram ao Senhor...

João – Ah sim, é verdade, quase esqueci...

María (*baixinho para João*) – Como nos livramos deste idiota e trazemos o verdadeiro Trufaldinho?

João – O verdadeiro?

María – O engraçado!

João – Apresento-vos a... Trufaldinho... Ele é contador...

Trufaldinho – Boa tarde, Senhor Barão. Senhora Baronesa.

Edmundo – Parece que está à beira do suicídio, amigo. Deformação profissional ou já está entediado com os Trompete? Se for assim, não vamos ficar muito tempo.

Vitória – Meu marido está brincando, é claro...

Edmundo – Então, meu amigo, o que pode deixar um contador tão deprimido? Sua calculadora quebrou, é isso?

Trufaldinho – Minha esposa acabou de me deixar.

Vitória – Ah sim...

María – É uma catástrofe...

João – Querem ver o castelo?

Edmundo – Sim, ficaria satisfeito em vê-lo novamente... Sabiam que o General Franco dormiu lá uma noite em 1938?

João – Sério, eu me disseram que foi Felipe IV...?

Vitória – Felipe IV, Francisco Franco... Vocês sabem... Contam-se tantas tolices quando se trata de vender um castelo em ruínas.

Edmundo – De qualquer forma, se foi o agente imobiliário quem falou de Felipe IV, foram enganados, meu amigo.

João – Por aqui, por favor...

María – Com licença? Ainda tenho alguns preparativos para terminar...

João – Claro. É só um aperitivo, não um jantar, mas tudo bem...

María – Um jantar... Não nos permitiríamos.

João – Ainda não.

João sai com Edmundo, Vitória e Trufaldinho. María pega seu telefone e liga para um número.

María – Senhora Dom Perinhão? Sim, sou eu, María... Sim, a Senhora Trompete... Estou ligando sobre este Trufaldinho, que nos recomendou. O seu era pintor, não contador, certo? Entendi, que terrível engano...

Ela sai com o celular. Fátima volta acompanhada por Gustavo, com um visual de camisa polo Lacoste, calças de pregas e mocassins com borlas.

Fátima – Lamento muito, estimado senhor, a senhora Trompete estava aqui há um momento...

Gustavo – Eu esperarei.

Fátima – Muito bem. Vou informar os senhores...

Fátima sai. O telefone celular de Gustavo toca.

Gustavo – Sim... Sim, senhora Kowalski... Não, quer dizer... Ouça, atualmente estamos na casa dos Trompete e... Sim, claro, agradecemos pelo seu convite, mas... Muito bem, tentaremos passar pela sua casa depois do concerto... Como assim não está ciente? O Senhor Bandoleão está oferecendo um recital esta noite na casa dos Trompete... Ah, na sua casa é um digestivo musical? Bem, está bem... Sim, isso mesmo, até logo...

Ele guarda o celular. Samantha chega. Ela trocou seu traje gótico por um mais sexy, quase vulgar. Samantha se surpreende ao se encontrar cara a cara com Gustavo.

Samantha – Ah... Desculpe... Estava procurando meus pais...

Gustavo – Gustavo Ribeiro da Prata. Mas se preferir, pode me chamar de Guto...

Samantha – Samantha Trompete. Mas se preferir, pode me chamar assobiando...

O outro fica um pouco desconcertado.

Gustavo – Peço desculpa, eu... O código de vestimenta não estava indicado no seu convite.

Samantha – Ah... Não lhe disseram... Desculpe, não é uma festa temática...

Gustavo – Mas eu...

Samantha – Está bem, acabei de cometer um erro... Então, não está fantasiado... Pensei que estava vestido de jogador de minigolfe ou algo do tipo.

Gustavo – Não me leve a mal... Nasci assim...

Samantha – Entendo... Uma longa linha geralmente é sinónimo de uma herança pesada.

Gustavo – E você mesma? Também não lhe avisaram?

Samantha – De quê, querido?

Gustavo – Que isto não é uma festa temática.

Samantha – Bem, não... Eu estava vestida de... uma prostituta, mas se preferir, vou trocar de roupa...

Gustavo – Não, não, fica-lhe muito bem... Quero dizer...

Os Trompete e os Ribeiro da Prata retornam.

María – Ah, muito bem. Então já se conheceram...

Samantha – Olá. Sim, seu filho é muito cavalheiro. Elogiou minha roupa...

Edmundo – Bom dia, senhorita. Meu filho está totalmente certo. Que traje encantador!

Vitória – Sim. É de muito bom gosto, realmente.

Edmundo – E o que esta jovem faz, senhorita?

Vitória – Vai retomar a fábrica de salsichas do papai?

Samantha – Quero ser modelo.

Edmundo – Ah sim... Modelo... Isso é bom...

Vitória – E... Suponho que não precise estudar para ser modelo?

Samantha – Bem, não... Assim como para ser psicanalista ou prostituta. Aprendemos praticando...

Edmundo – Entendi...

María – Deixo-os por um momento, vou ver o que a criada está fazendo com os aperitivos...

Samantha – Vou te ajudar... (*Em particular para sua mãe*) Qualquer coisa antes de ficar mais um momento com esses degenerados.

María e Samantha saem.

Edmundo – Então, Senhor Trompete, você trabalha na indústria do entretenimento?

João – Eh, não... Nas salsichas...

Edmundo – Entendi...

João – E você mesmo, senhor barão?

Edmundo – Poderíamos dizer que... estou em imóveis.

João – Tem uma imobiliária na cidade?

Edmundo – Na verdade, só vendo minhas propriedades e outras jóias da família... Infelizmente, logo ficaremos sem estoque...

João – Deixo-os por um momento... Como sabem, estamos esperando um virtuoso... Não sei o que estará fazendo...

Vitória – Mas é claro.

João sai.

Vitória – Eu te disse. São cómicos, não são?

Edmundo – Um vendedor de salsichas... Só faltava essa... São ricos, pelo menos?

Vitória – Nem tanto, pelo que parece.

Gustavo – Ainda assim, tiveram meios para comprar o castelo de nossos antepassados.

Vitória – Mas não para restaurá-lo...

Edmundo – Acha que ainda podemos esperar tirar dinheiro desse bobo que vende salsichas?

Vitória – Pensas em propor investir no teu negócio de aerogeradores?

Edmundo – O vento é tudo o que nos resta para vender. Além do nosso nome, é claro. Na pessoa do nosso querido filho...

Gustavo – Obrigado por mim...

Edmundo – Bem, vamos dar uma olhada no bufê... Não estão com fome?

Vitória – Felizmente, ainda há bufês, caso contrário, os Ribeiro da Prata já estariam mortos de fome há muito tempo...

Trufaldinho volta.

Trufaldinho – Eu disse a vocês por que minha esposa me deixou?

Edmundo – Na verdade, não, meu amigo, mas seria bastante divertido se você nos contasse.

Trufaldinho – Minha esposa sofre de ninfomelomania.

Vitória – É a primeira vez que ouço falar dessa doença. É grave?

Trufaldinho – Sobretudo, é muito embaraçoso para os familiares...

Gustavo – E quais são os sintomas, se me permite perguntar?

Trufaldinho – Bem, quando ela vai a um concerto, e infelizmente não pode evitar ir todas as semanas, minha esposa sente um desejo incontrolável.

Vitória – Um desejo?

Trufaldinho – Especialmente quando o concerto é bom, obviamente.

Gustavo – Mas quer dizer um desejo de...

Trufaldinho – De se deitar com os músicos, sim. Especialmente com os virtuosos, é claro.

Vitória – Uma melômana que a música clássica torna ninfomaníaca?

Trufaldinho – Daí o nome dessa estranha condição.

Edmundo – A ninfomelomania...

Vitória – E consultaram? Quero dizer, para sua esposa...

Trufaldinho – É absolutamente incurável, infelizmente. E como o prognóstico não é fatal, a medicina não leva essa doença muito a sério, como podem imaginar.

Edmundo – Pelos céus...

Trufaldinho – O problema é que alguns abusam disso.

Edmundo – De quê, meu amigo?

Trufaldinho – Da minha esposa! No começo, eram apenas orquestras de câmara.

Vitória – Orquestras?

Trufaldinho – Minha esposa começou me traindo com um quarteto de cordas, depois um quinteto e um sexteto. Agora poderia ser a Filarmônica de Viena ou a Grande Orquestra da Guarda Nacional...

Edmundo – Pelos deuses...

Trufaldinho – Ela me deixou ontem para sair em turnê com os Coros do Exército Vermelho.

Vitória – Os Coros do... Ah sim, claro...

Trufaldinho – O que significa que eu também estou agora afetado por uma fobia.

Vitória – Uma fobia... E qual, querido amigo?

Trufaldinho – Assim que vejo um músico ou ouço música clássica, sinto vontade de matar.

Gustavo – Sério?

Trufaldinho – Tenho um ódio particular pelos contrabaixistas. Quando vejo um com seu instrumento entre as pernas tocando as cordas com seu arco, sinto despertar a besta que dorme em mim.

Gustavo – Caramba...

Seus pais lhe lançam um olhar de surpresa ao ouvir esta palavra grosseira.

Trufaldinho – Mas odeio especialmente os pianistas, não sei por quê. Especialmente quando tocam um piano de cauda. Sinto um desejo repentino de cortar...

Vitória – A cauda?

Trufaldinho – A cabeça!

Vitória – Ah, sim, claro.

Trufaldinho – Sempre tenho uma motosserra no porta-malas.

Edmundo – Bom...

Vitória – Bem...

Edmundo – Foi um prazer conhecê-lo, caro senhor.

Vitória – Vamos dar um passeio pela piscina, acho que é onde está o bufê, e não comemos nada há três dias.

Trufaldinho – Alcançarei vocês em um momento. De qualquer forma, obrigado por me ouvirem, fez-me muito bem. Mas ainda tenho que tomar meus remédios...

Vitória – Muito bem, nos vemos mais tarde, então...

Edmundo – Enfim, acho que esta noite deveria ser bastante animada.

Edmundo, Vitória e Gustavo saem. Trufaldinho tira do bolso uma caixa de comprimidos, mas treme tanto que a caixa escapa de suas mãos e acaba atrás de um arbusto. Ele passa atrás do arbusto para recuperá-la. João e Maria voltam, sem ver Trufaldinho.

María – Então, conseguiste entrar em contato com o verdadeiro Trufaldinho?

João – Sim, e o convidei para se juntar a nós. Foi um pouco apressado, mas ele não pareceu se ofender. Ele estará aqui em um momento.

María – Bem, então está tudo resolvido.

João – Sim, a noite está indo bem, não é?

María – Só falta livrar-nos do outro peso.

João – Quem?

María – O contador!

Trufaldinho se aproxima a eles.

Trufaldinho – Ah, senhor e senhora Trompete...

Os Trompete dão um pulo.

María – Assustou-nos...

Trufaldinho – Disse-lhes que minha esposa sofria de uma doença horrível?

João – Escuta, velho, podes ver que este não é o momento. Tua esposa te deixou, tudo bem. Olha pelo lado positivo!

María – Agora estás solteiro! Tenta distrair-te um pouco!

João – Aproveita a piscina!

Trufaldinho – Não sei nadar.

María – Oh, que peso...

Samantha chega.

María – Ah, mesmo a tempo. Queres mostrar o bufê ao senhor? (*Em privado para Samantha*) Se puderes empurrá-lo para a piscina enquanto isso para que ele se afogue, duplico o teu pagamento este mês...

Samantha – Verei o que posso fazer.

Trufaldinho (*para Samantha*) – Boa noite, senhorita. Disse-lhe que minha esposa estava me traindo com os Coros do Exército Vermelho?

Samantha – Bem, não... Conta-me isso...

Samantha sai com Trufaldinho.

María – E o virtuoso?

João – Ainda não chegou. Não sei o que está fazendo...

María – Ele exigiu viajar em primeira classe. Espero pelo menos que não tenha perdido o seu comboio de alta velocidade.

Fátima volta com Federico Bandoleão.

João – Ah, aqui está...

María – Parece mais gordo do que na foto, não?

João – Senhor Bandoleão! Estávamos apenas esperando por si para a festa começar...

Bandoleão – Boa noite, senhor Trompete. Senhora, os meus respeitos. (*Beija-lhe a mão.*) Lamento chegar um pouco tarde.

María – Espero que pelo menos tenha tido uma boa viagem.

Bandoleão – Muito boa, obrigado. Embora literalmente tenha sido assediado por uma admiradora ultimamente.

María – O que é a celebridade...

Bandoleão – Ela me perseguiu até a Estação de Atocha. Ameaçava atirar-se nos trilhos do meu comboio se não aceitasse ceder novamente aos seus avanços...

João – Novamente...?

Bandoleão – Não deveria dizer-vos isto, mas quase toda a orquestra já passou por cima dela.

João – Uau!

Bandoleão – Começou com os metais, depois as cordas e depois a percussão...

María – Pensei que só nos concertos de rock as mulheres atiravam as suas tangas aos músicos. Também acontece na ópera?

Bandoleão – Ela me perseguiu até aos banheiros do AVE. Queria que a tomasse selvagemmente contra o secador de mãos elétrico. Mas eu sou pianista, não contorcionista.

João – Não...?

Bandoleão – Foram necessários três revisores para a fazer descer na plataforma... Enfim, conseguimos partir, mas o comboio atrasou-se um pouco, evidentemente. Daí este pequeno contratempo pelo qual peço desculpas.

María – O importante é que está aqui.

Bandoleão – Sim... Bem...

João – Mas não trouxe o seu instrumento?

Bandoleão – Como queres que transporte um piano de cauda num comboio?

João – Ah, sim, claro...

Bandoleão – Não têm um piano? Isso resolverá definitivamente o problema, porque justamente...

João – Estava a brincar... Claro que temos um piano! (*Para María*) Teremos que encontrar um piano para ele... Nem sequer tinha pensado nisso...

María – Ah, eu também não.

João – Bandoleão... O seu nome confundiu-me...

Bandoleão – De qualquer forma, lamento muito dizer que... não poderei ficar muito tempo.

Roger – Como é isso?

Bandoleão – Prometi à Senhora Stravinsky, que é uma velha amiga minha...

María – Pensei que fosse a Senhora Kowalski.

Bandoleão – Kowalski, isso mesmo... Stravinsky é minha dentista... Enfim, esqueci-me completamente... Prometi tocar na casa dela esta noite e...

João – Esta noite? Mas isso não pode ser...

María – Quanto?

Bandoleão – Bem, é que...

Inclina-se para sussurrar o número a João.

João – Ofereço-lhe o dobro.

Bandoleão – Não tenho a certeza...

João – O triplo.

Bandoleão – Vou ligar imediatamente à Senhora Polanski para cancelar.

Tira o telemóvel e marca um número.

Bandoleão – Sim! Senhora Kawasaki?

Sai.

María – O triplo de quê, exatamente?

João sussurra-lhe algo ao ouvido.

María – Ah, sim, entendi...

Fátima chega.

Fátima – Senhor Trufaldinho, o segundo do seu nome, chegou.

João – Bem, introduza-o, introduza-o!

Fátima – Introduzi-lo?

João – Faça-o entrar!

Fátima sai.

María – Trufaldinho, estamos salvos! A noite finalmente pode começar...

O segundo Trufaldinho, na verdade chamado César, chega, com um ar artístico, seguido da sua amiga Rosália, de estilo etéreo.

César – Querido Trompete, reconhece-me?

João – Não.

César – Nem eu. Concluo que nos estamos a ver pela primeira vez.

João – Mas como deveria chamá-lo para não o confundir com o outro?

César – O outro?

María – O outro Trufaldinho.

César – Pode chamar-me César.

João – Porque lhe chamaríamos César?

César – Porque me chamo César.

João – Chama-se César? Mas é um pintor, certo?

César – Sim, claro.

María – Assustou-nos.

João – César... Devo ter confundido... César, Trufaldinho... São parecidos, não são...?

César – Apresento-vos a Rosália, autora da peça de teatro que estamos a representar atualmente.

João – Ah, muito prazer em conhecê-la.

Rosália – Senhor Trompete, muito honrada. Adoro o que faz.

João – Faço salsichas.

Rosália – Sim, é isso que dizia. Senhor Trompete, a sua reputação com as salsichas precede-o. Espero que nos honre provando algumas esta noite...

João – Bem, se insistem, sempre podemos improvisar um churrasco.

Rosália – Aposto que também apreciam uma boa sangria.

María – Bem, não tínhamos planeado, mas...

Rosália – Oh, mas a sangria não se improvisa. É como as fossas sépticas ou os jantares de sociedade. Para que a mistura revele todo o seu aroma, os ingredientes devem macerar durante um bom tempo no seu suco.

João – Verei o que posso fazer pela sangria.

Rosália – Sim, de outro modo, ficaríamos muito desapontados.

César – Claro que não estamos aqui esta noite para ouvir este divo.

João – Este divo...?

César – Bandoleão!

Rosália – Uma diva, um divo...

María – Ah, sim, claro...

Rosália (*a César*) – Eles são mesmo muito tolos.

María (*para João*) – Admite que são divertidos, não é?

João – Mais do que o contador, de qualquer forma...

María – Mais divertidos do que eles não dá para ser, é exatamente o que Dom Perinhão me disse sobre vocês...

Rosália – Conheceram pessoalmente o Dom Pérignon?

João – Sim, tive esse privilégio. Alguém muito divertido, não acha?

Rosália – Bem...

María – Estamos falando daquele que mandou pintar o teto da Capela Sistina no fundo da sua piscina, certo?

César – Ah... Esse Dom Perinhão...

Rosália – Sinto que vamos nos aborrecer rapidamente aqui.

César – Senhor Trompete, como pintor, permita-me dizer que tem um rosto muito expressivo.

João – Obrigado...

César – Quanto a si, senhora Trompete, a sua silhueta reflete uma nobreza natural que contradiz categoricamente o aspeto ridículo do seu sobrenome.

María – Obrigada.

César – Gostariam que vos fizesse um retrato a vocês e à vossa família?

María – Nossa família?

Rosália – Um retrato da família Clarinete.

João – É Trompete.

César – Podiam pendurá-lo na grande escadaria do vosso castelo ao lado dos dos vossos antepassados.

João – Não tenho a certeza... É caro?

César – Seria uma obra única.

Fátima volta.

Fátima – O senhor e a senhora Badmington estão aqui. Disseram-me para os apresentar.

César – O querido Badmington. Sabem que foi embaixador do Panamá no Vaticano?

María – É precisamente por isso que o convidamos.

O senhor e a senhora Badmington chegam. Ele vestido todo de branco com um chapéu de aba larga. Ela com estilo latino.

María – Sejam bem-vindos à nossa humilde morada em ruínas.

Gregory – Obrigado. É um castelo de época, certo?

João – Exatamente.

Gregory – Mas de que época exatamente...?

João – Apanhou-me aí. Em qualquer caso, o General Franco dormiu na minha cama.

Concha – Espero que não com a sua esposa...

María – Senhora Badmington, suponho.

Concha – Olá. Mas chama-me Concha, por favor.

João – Que ideia tão estranha... Por que a chamaria de Concha?

Concha – Concha, porque é o meu nome! Concha de Borbón Badmington. Senhor Trompete, descemos em linha direta de Luís XIV.

Rosália – Através das criadas, suponho...

João – Luís XIV? Quer dizer o Rei Sol? Percebes, María?

María – Ah, sim, claro...

Concha – O Rei de Espanha é primo distante do meu pai.

María – Já vejo... E você, senhor Badmington, imagino que os seus antepassados inventaram esse nobre jogo?

Gregory – Que jogo?

María – O jogo de raquete.

João (*em voz baixa para María*) – Disse-te que eram gente muito decente...

Concha – Mas conta-me, senhor Trompete, têm pelo menos um fantasma no vosso castelo?

María – Ainda não, senhora Badmington...

João – Pelo menos que saibamos...

Concha – Que pena. Um castelo assombrado... isso daria mais encanto a esta ruína.

María – Um fantasma... Não sei... teria de acontecer um crime horrível.

Concha – Nunca se sabe, talvez seja esta noite.

Gregory – De qualquer forma, se alguma vez venderem o vosso castelo, avisem-me.

María – Deseja estabelecer-se permanentemente na região?

Gregory – Não, é para embalar todas estas velhas pedras, levá-las de barco para o Panamá e reconstruir o vosso castelo classificado no parque do nosso rancho na Cidade do Panamá.

João ri muito alto.

João – Muito engraçado.

Mas aparentemente, os Badmington não estão brincando.

Gregory – De qualquer forma, obrigado por este convite. Estamos ansiosos para ouvir o Maestro Bandoleão.

Concha – Mas ninguém nos contou nada sobre o programa...

María – O programa? Bem, vamos começar pelo aperitivo...

Gregory – O programa do concerto! O Maestro! O que ele vai cantar para nós?

María – Ah... Bem... Acho que é uma surpresa.

João – Mas dado o valor que ele cobra, suponho que vai interpretar os grandes sucessos da ópera.

Samantha chega.

María – E aqui está nossa filha Samantha.

Gregory – Boa noite, senhorita Trompete.

João – Ela os levará aos seus lugares para o concerto, ao redor da piscina.

Samantha – Gorjetas são permitidas...

María – Montamos o palco na plataforma do trampolim de cinco metros. Assim, todos poderão ver bem.

Concha – Nesse caso... ao Maestro só resta se jogar na água.

João – Samantha, viste o virtuoso?

Samantha – Não...

María – Embora ele seja bastante corpulento.

Samantha – Por aqui, senhor, senhora... Desejam adquirir o programa?

Samantha sai com Gregory e Concha.

João – Mas o que Bandoleão está fazendo?

Rosália – Já estamos ficando entediados.

João – Lhes lembro que vocês são os que supostamente devem nos entreter.

María – Vou ver...

César – Já sabem, os Badmington são pessoas muito influentes.

João – Aham que poderiam patrocinar nossa candidatura ao Clube Filantrópico de Casteladrão?

César – Certamente. Até se diz que os Badmington uma vez jogaram ténis com o presidente da Costa Rica.

João – Sério?

César – O pai de Concha conhecia bem o Pinochet. E um dia, ele me mostrou uma foto autografada de Mussolini que o avô dele deixou para ele.

João – É fantástico.

María volta acompanhada de Senhora Renata Kowalski.

María – A Senhora Kowalski nos faz a honra de uma pequena visita de cortesia...

João – Senhora Kowalski, que surpresa!

Renata – Boa noite... Mas por favor, me chame de Renata.

María (*baixinho para João*) – Que bom vento a traz, Renata?

Renata (*entre dentes*) – Um vento ruim, cadela...

María – Perdão?

Renata – Não, eu disse... Apenas passei para saudá-los. Somos vizinhos, afinal. De um castelo para outro, podemos nos ajudar, não é?

María – Claro!

João – Mas por favor, fique um pouco connosco. Convidamos o Senhor Bandoleão para tocar algumas grandes árias. Você o conhece, imagino...

Renata – Sim, claro... Na verdade, não entendo. Ele deveria tocar na minha casa esta noite...

María – Não? Ah, isso é surpreendente. Deve ser um pequeno mal-entendido...

Renata agarra subitamente María pelo pescoço.

Renata – Cadela! Te prevejo um futuro sombrio se não me devolver Bandoleão imediatamente. E te aviso – estou disposta a matar para conseguir o lugar que acabou de ficar vago no Clube Filantrópico de Casteladrão...

María – Vamos, violência nunca resolveu nada... Provavelmente encontraremos uma solução.

Renata solta María, recupera a compostura e volta a um tom mais suave.

Renata – Enquanto isso, se me permitirem, tenho algumas palavras para dizer ao Senhor Bandoleão...

María – Mas é claro... O concerto começará em breve. Vá em frente, está por aqui.

João, María e Renata saem.

Rosália – Entre os ricos antigos e os novos, não sei qual prefiro.

César – Pelo menos os novos ricos têm dinheiro. Caso contrário, Trompete nunca poderia ter nos oferecido um recital de Federico Bandoleão... Temos que reconhecer que ao escolher este divo como o ápice de sua arte, tiveram faro...

Rosália – Bem, os porcos trufeiros também têm faro, mas para onde iríamos se os deixássemos comer as trufas? (*Suspira*) O ápice de sua arte...

César – De qualquer forma, por agora ele está no topo do trampolim.

Eles saem. João e María retornam.

João – Pronto, pedi para entregarem um piano para nós.

María – Como fizeste isso?

João – Piano Presto. Encontrei na internet. Os dois entregadores deveriam estar aqui a qualquer momento. É incrível, agora podes pedir um piano como se estivesse pedindo uma pizza.

María – Perfeito. Mas, onde está aquele virtuoso?

O barulho de uma motosserra é ouvido.

María – O que é esse barulho?

João – Fátima!

Fátima chega.

Fátima – Senhor.

João – Diga ao jardineiro que não é hora de cortar as árvores do parque com a motosserra ou podar as sebes. O concerto vai começar.

Fátima – Entendido, senhor, vou verificar...

María – Não sabia que tínhamos um jardineiro.

João – Eu também não, é isso que me preocupa...

Samantha retorna.

María – Então, querida, está tudo bem?

Samantha – Sim, obrigada.

María – Queria dizer... com Gustavo. O que achas?

Samantha – Fique claro entre nós, mãe. Não tenho nada contra casamentos arranjados, mas nunca aceitarei um casamento forçado com um tipo que usa mocassins com franjas.

João – Bem, querida, ele é um Ribeiro da Prata! Seus pais são membros do Clube!

Fátima retorna.

Fátima – Encontramos Bandoleão.

João – Ah, ainda bem! E onde está ele?

Fátima – Na piscina!

María – Ele se jogou na piscina?

João – Do trampolim de cinco metros?

María – O concerto vai começar a qualquer momento! Não é hora de um mergulho!

Fátima – Infelizmente, Bandoleão deu seu último suspiro, senhora.

João – O que quer dizer com último suspiro? Quer dizer que ele está morto?

Rosália passa como um zumbi.

Rosália – Certamente morreu de tédio.

Fátima – Ele está na piscina, com o corpo de um lado e a cabeça do outro. A água está vermelha de sangue. Parece uma sangria gigante...

María – Oh meu Deus, não! Tínhamos dito que não haveria sangria!

João – Vamos ver de perto... Talvez ainda haja tempo de juntar as partes...

Fátima, María e João saem. Trufaldinho, com uma motosserra na mão, e Renata, o vestido manchado de sangue, retornam.

Trufaldinho – Receio que tenha me empolgado um pouco.

Renata – Um pouco? Você cortou a cabeça dele!

Trufaldinho – Enquanto você o segurava pelos pés...

Renata – Só queria fazê-lo cumprir o contrato!

Trufaldinho – Você também estava dormindo com ele?

Renata – Ele deveria dar um concerto em minha casa! Agora, será muito mais difícil, é claro.

Trufaldinho – Foi você quem me pediu ajuda...

Renata – Para pegá-lo, sim! Não pensei que você quisesse cortá-lo ao meio! Por que fez isso?

Trufaldinho – Eu o reconheci imediatamente. Ele é o amante da minha esposa. Bem, ele e metade da Orquestra da Ópera.

Renata – Bandoleão, tem certeza?

Trufaldinho – Se não for ele, então é o irmão dele. Um bom músico é um músico morto, acredite em mim.

Renata – Muito bem... E agora o que fazemos?

Trufaldinho – Podemos aproveitar o bufê? Um copo de vinho nos acalmará os nervos. Não sei se combina com meus remédios, mas...

Renata – Afinal de contas... Você está certo. Dadas as circunstâncias.

Trufaldinho – Vamos agir como se nada tivesse acontecido.

Renata – Como se nada tivesse acontecido? Isso aconteceu no trampolim de cinco metros, todas essas pessoas reunidas para o concerto nos viram.

Trufaldinho – Diremos que foi um acidente.

Renata (*apontando para a motosserra*) – De qualquer forma, seria melhor eu guardar isso antes de irmos ao bufê.

Trufaldinho – Você está certa... Vou guardá-la no porta-malas... Ainda pode ser útil...

Eles saem. Os Badmington retornam.

Gregory – Então, o que achas do açougueiro e sua morcilha?

Concha – O Sr. e a Sra. Trompete?

Gregory – Um pouco... gordurosos, não?

Concha – De qualquer forma, têm um castelo muito bonito...

Gregory – Sim. Ficaria bem no parque de nosso rancho na Cidade do Panamá. O que achas?

Concha – Não sabíamos o que nos dar de presente para nosso aniversário de casamento. Nos lembrará da Europa.

Gregory – O castelo já está em ruínas, será mais fácil desmontá-lo. Achas que aceitariam vendê-lo para nós?

Concha – Se aceitarmos patrociná-los para o Clube Filantrópico de Casteladrão, eles ficariam de bom humor.

Gregory – Falaram sobre isso contigo?

Concha – Estariam dispostos a vender a filha deles para fazer parte do clube!

Gregory – Mas não podemos aceitar essas pessoas entre nós.

Concha – Consegues imaginar? João Trompete, fabricante de salsichas, membro do Clube Filantrópico de Casteladrão.

Gregory – Se ao menos ele vendesse muitas...

Concha – Estás certo. Acima de 100 milhões de faturamento, a salsicha ou o hambúrguer se tornam produtos nobres.

Gregory – É um fato que hoje em dia, os sobrenomes Herta ou McDonald's praticamente se tornaram títulos de nobreza.

Concha – Mas de qualquer forma... Trompete...

Gregory – Eles não fazem parte do nosso mundo, está claro. Viste como estão vestidos?

Concha – Concordo contigo...

Gregory – Essa gente é vulgar...

Concha – Mas então, o que fazemos com o castelo? Para transferir esse monumento histórico para o Panamá, pelo menos teríamos que obter a autorização do prefeito.

Gregory – O prefeito também é membro do clube, certo?

Concha – Ele é até o presidente de honra!

Gregory – Entre membros benfeitores, podemos nos fazer pequenos favores.

Concha – E se pedíssemos ao prefeito para classificar essa ruína como habitação insalubre?

Gregory – Expropriamos os Trompete e depois compramos o castelo da prefeitura a preço de amigo.

Concha – O lugar desses novos ricos não é num castelo de época, está claro. Então, o que fazemos, Gregory?

Gregory – E se partirmos sem dizer nada, Concha?

Concha – Afinal de contas, não é um jantar, é apenas um aperitivo. Vou contigo...

Mas María volta, bastante alterada, cruzando o caminho deles.

Concha – Está tudo bem, Sra. Trompete?

María – Sim, sim, tudo bem. Aliás, se quiserem aproveitar a piscina. Ah, não, desculpem, acabamos de ligar o robô, tinha algumas folhas mortas...

Gregory – Nesta temporada?

María – Por favor, vão até nosso quarto.

Concha – Perdão...?

María – Felipe IV dormiu nele! Se quiserem ver...

Gregory – Felipe IV, sério? Eu não sabia disso. Ele é de fato meu ancestral direto...

María – Ou talvez o General Franco, já não me lembro.

Concha – E se formos ver, Gregory?

Gregory – Vou contigo, Concha.

Os Badmington saem. João volta.

María – O que fazemos com Bandoleão? Não podemos deixá-lo assim. Depois de mergulhar na piscina, esquecendo o resto do corpo no trampolim...

João – Peguei a cabeça com a rede e a coloquei em nosso quarto temporariamente.

María – Em nosso quarto?

João – O castelo está cheio de pessoas! Em princípio, é o último lugar onde as pessoas vão olhar...

María – É verdade...

Samantha retorna.

Samantha – Bem... Pensei que esta noite seria chata até morrer... No final, parece um remake de um filme de terror B...

João – Um filme de terror... Também não vamos exagerar... Pode ser apenas um acidente... São coisas que acontecem...

Samantha – Como alguém pode morrer acidentalmente decapitado por uma motosserra?

María – Um assassinato, achas? Mas quem? E por quê?

Samantha – Alguém disposto a tudo para escapar de um concerto de música clássica, talvez...

María – Oh meu Deus, é verdade... O concerto! Não tínhamos mais um piano de cauda, agora temos um pianista sem cabeça...

João – Não se preocupe, querida. Afinal de contas, há coisas mais importantes na vida, não é?

Samantha – Eu lembro-vos que acabamos de encontrar um morto. Seria conveniente chamar a polícia...

João – Chamar a polícia? Estás falando sério?

María – Isso poderia arruinar o ambiente.

Samantha – E uma cabeça sem corpo boiando no meio da piscina, não acham que também poderia arruinar o ambiente?

João – E tu, não poderias fazer algo?

Samantha – Colar uma cabeça é muito delicado. Se eu soubesse como fazer, já teria encontrado um doador para te proporcionar um transplante de cérebro.

João – OK, vou chamar a polícia.

João sai. José entra com batina.

José – A porta estava aberta, me permiti entrar...

María – Ah, olá...

Samantha – Para os últimos sacramentos, você está atrasado, Padre...

José – Alguém morreu, minha irmã?

María – Uh... sim, mas acalme-se. Pode ser apenas temporário...

José – Temporário?

Samantha – Um pequeno acidente doméstico, nada grave. O importante é manter a cabeça sobre os ombros, certo?

José – De qualquer forma, se alguém precisar da ajuda da religião, estou aqui.

María – Obrigada, Padre, mas já chamamos a Polícia.

José – Srta. Trompete, imagino.

María – Samantha, aqui está o Padre José.

José observa Samantha com um olhar lascivo.

José – Não me lembro de tê-la visto na confissão...

João retorna.

João (para María) – O que esse tipo está fazendo aqui?

María – O convidei para dar um toque de respeitabilidade a esta noite... Padre, permita-me apresentar-lhe meu marido, João.

José – Bom dia, meu filho.

Samantha (para María) – Se ele chama papai de filho... é porque seria meu avô.

César e Rosália chegam, bastante bêbados.

María – E aqui estão nossos amigos César e Rosália. Vejam, são muito divertidos. Pelo menos, é por isso que os convidamos...

Rosália – Bom dia, Padre. Então, a detenção não foi muito extenuante?

José – Meu Deus, quando se tem a consciência a favor...

María – Ah, mas vocês já se conhecem.

Rosália – Padre José é amigo do teatro contemporâneo.

César – E da arte moderna!

José – É preciso viver com seu tempo. E reconheçamos que a religião nem sempre soube se adaptar rápido o suficiente às novas ideias.

César – Você está certo, Padre. A religião é como a monarquia, essas coisas antigas reconfortam, mas tarde ou cedo é preciso admitir que não servem para nada.

Rosália – Se os Franceses tivessem guilhotinado o papa junto com Luís XVI, pelo menos o problema do catolicismo estaria resolvido há muito tempo.

María – É engraçado...

José – Você tem certeza que foi uma piada?

César – Quando ela bebe um pouco, está convencida de que se guilhotinásemos metade do planeta, a outra metade se sairia melhor.

José – Ah, sim...

César – Concordo bastante com ela em princípio, mas às vezes divergimos na escolha da metade a guilhotinar...

Gustavo chega.

Rosália – Vamos começar cortando todos que vestem camisas Lacoste.

César e Rosália saem.

Gustavo – Bom dia, Senhor Prefeito.

Samantha – Senhor Prefeito?

José – Perdoem-me, Senhor e Senhora Trompete, falto a todos os meus deveres. Permitam-me apresentar-me – José Molino Delacruz. Sou ao mesmo tempo o padre e o prefeito desta pequena cidade.

Gustavo – Uma forma engenhosa de resolver o problema da separação entre a Igreja e o Estado...

Samantha – E assim, o padre pode confessar o prefeito por suas turbacões sem risco de que o confessorário seja intervencionado por juizes de esquerda.

Gustavo – O Senhor Padre-Prefeito também é o Presidente de Honra do Clube Filantrópico de Castelação.

José – Às suas ordens.

Gustavo – A propósito, Senhor Prefeito, tem algum candidato para o Clube? Deve saber que há uma vaga após a morte do marquês de Karlsberg Kronenbourg.

José – Como não saberia? Eu mesmo administrei os últimos sacramentos a ele.

María cutuca João.

João – Senhor Padre, quero dizer, Senhor Prefeito, minha esposa e eu ficaríamos muito honrados se...

Os policiais Ramos e Santos chegam (homens ou mulheres). Gustavo sai.

João – Ah, aqui estão os entregadores... Senhores, não sei se será necessário descarregar o piano do caminhão, o pianista...

María – O pianista perdeu a cabeça.

Ramos – O piano..? Comissário Ramos, e este é meu assistente Santos.

João – Desculpem, Comissário, pensei que fossem entregadores...

María – Estamos dando um recital de piano esta noite, e meu marido esqueceu o piano.

João – Mas é claro, sejam bem-vindos. E se puderem conduzir sua investigação discretamente para não perturbar muito nossos convidados.

María – São pessoas de certo nível, entendem? Eles vieram para um concerto, não para um interrogatório...

João – Não queremos estragar a noite deles, certo?

Santos – Agora, se o pianista está morto, eles perceberão tarde ou cedo que não há concerto, certo?

João – Sim, ao mesmo tempo, não é falso...

María – Só por precaução, Comissário, você não toca piano?

Ramos – Desculpe, mas não. Toco um pouco de harmónica nos meus tempos livres.

María – Vou ligar para os entregadores para cancelar o piano.

Ramos – Então, Senhor Trompete, você poderia me explicar exatamente o que está acontecendo aqui?

João – Vou contar tudo, Comissário Ramos.

Ramos – Está bem. Mas antes de mais nada, me diga, Trompete.

João – Sim, Comissário.

Ramos – Trompete... Deve ter sido difícil para você na infância com um nome assim.

João – Ah, Comissário, se soubesse... E nem lhe falo sobre minha esposa.

Santos – Sua esposa?

João – Senhora Trompete...

Ramos – Ela deve tê-lo amado muito para aceitar se tornar a Senhora Trompete. Qual era o sobrenome dela de solteira?

María – Senhorita Tambor.

Ramos – Entendo... Estavam destinados a se encontrar, então...

Os Badmington retornam alarmados.

Gregory – Meu Deus, acabamos de ver o fantasma de Maria Antonieta!

Ramos – Maria Antonieta?

Concha – Garanto! Ela segurava a cabeça de Luís XVI entre as mãos.

João – Como nos disseram que uns reis dormiram em seu quarto, os reconhecemos imediatamente.

Concha – No quarto!

João – Ah não, é só que...

Santos – Maria Antonieta? Quem é essa agora?

Ramos – Veja, Trompete, isso é um verdadeiro massacre em sua casa...

João – Pela cabeça, me declaro culpado, Comissário... Eu a coloquei na mesa no quarto, para não assustar nossos convidados.

María – Uma cabeça sangrenta boiando na piscina, você entenderá que...

João – Mas quanto a Maria Antonieta, garanto que não sei de nada...

Ramos – Vamos dar uma olhada mais de perto, Santos...

Saem. Edmundo e Vitória retornam.

Vitória – No final, não nos entediamos na casa dos Trompete.

Edmundo – E pensar que mal começamos com o aperitivo.

Gustavo chega.

Gustavo – Estou começando a ficar com fome, e vocês?

Edmundo – Infelizmente, teremos que esperar. Por enquanto, não podemos acessar o bufê.

Gustavo – E por quê?

Vitória – Porque faz parte da cena do crime! Não viu as fitas amarelas que acabaram de ser desenroladas?

Edmundo – Que sorte a nossa...

Vitória – Falaste com Trompete sobre o seu projeto de moinho de vento?

Edmundo – Ainda não tive a oportunidade, na verdade. E com o que acabou de acontecer, não será fácil encontrar uma transição habilidosa...

Gustavo – Achas...?

Vitória – E tu, como vai com a pequena Trompete?

Gustavo – Infelizmente, temo que não seja o tipo dela.

Vitória – Não é o tipo dela? Um Ribeiro da Prata? Não lhe falta audácia!

Edmundo – E qual é o tipo dela, então?

Gustavo – Quem sabe... Talvez o tipo feminino?

Vitória – Sêrio?

Edmundo – Como vê... Não é necessário ter um sobrenome nobre para pertencer a uma família de degenerados...

Estão prestes a sair.

Vitória – Edmundo, acho que está na hora de encontrar outras formas de subsistência além dos jantares de Casteladrão...

Gustavo – Aliás, esqueci de dizer, a Sra. Kowalski nos convidou para um aperitivo musical.

Edmundo – Outro aperitivo... Tudo muito bonito, mas quando vamos comer?

Saem. João e Maria retornam.

Maria – É uma catástrofe.

João – Agora, evidentemente, será muito mais difícil encontrar um padrinho para o Clube Filantrópico de Casteladrão.

Maria – E encontrar o marido ideal para nossa filha!

Samantha volta.

Maria – Então, querida, o que achas de Gustavo?

Samantha – Mas estais loucos! Acabamos de encontrar um cadáver sem cabeça em nossa piscina, e vocês preocupados com quem dar minha mão?

João – Pelo menos nos digas como o vê.

Samantha – Bem... acho que não vai ser possível.

João – No entanto, é um bom rapaz.

Samantha – Sim, mas... sou lésbica, é isso!

Maria – Não...

João – Oh meu Deus, Samantha, mas isso é horrível! E quem é o pai?

Maria – Ela disse lésbica, João... Não grávida...

João – Lésbica? Como lésbica? Não? Quer dizer... Mas isso é uma catástrofe.

María – Claro que agora será muito mais difícil casá-la.

João – E conhecestes alguém? Quero dizer... Uma mulher?

Samantha – Sim.

María – É de boa família, pelo menos?

João – Afinal, um genro ou nora. Se for baronesa.

Samantha – Não é baronesa, é... É a empregada!

María – Oh meu Deus, João, a empregada...

João – A empregada? A que se veste como homem?

Ramos e Santos retornam.

João – Comissário, você nunca vai adivinhar o que nos aconteceu...

Ramos – O que está acontecendo agora?

María – Nossa filha é lésbica.

Ramos – Bem, senhor Trompete, não acredito que isso seja assunto da polícia...

Santos – Lembro-os que temos dois mortos em nossas mãos.

María – Dois? Ah sim, verdade, esqueci. Luís XVI e Maria Antonieta...

João – Então, quem é essa Maria Antonieta?

Santos – De acordo com os documentos que encontrei sobre ela, ela se chama Rosália.

María – Rosália? A autora de teatro?

Santos – Esse nome me soa familiar, chefe.

Ramos – Claro, é a autora da peça que estamos representando agora.

Santos – Isso mesmo!

Ramos – Mas quem poderia querer assassinar uma autora de teatro? E por quê?

Santos – Para não ter que pagar os direitos autorais, chefe?

Ramos – É uma pista séria, de fato, Santos... Teremos que pensar em interrogar o produtor e o diretor desta peça.

Rosália volta, com um lençol e uma cabeça na mão.

María – Céus, o fantasma de Maria Antonieta, com a cabeça do marido entre as pernas! Quero dizer, entre as mãos...

Rosália olha para a cabeça que tem nas mãos.

Rosália – Tenho a sensação de já ter visto essa cabeça em algum lugar...

César chega atrás dela.

César – Mas sim, Rosália, é Federico Bandoleão, nos encontramos com ele no ano passado em um jantar na casa dos Ribeiro da Prata. Comemos muito mal, aliás...

Ramos – Se entendi corretamente, o segundo cadáver não está morto.

César – Desculpe-a, Comissário. No entanto, já disse a ela para não misturar álcool com cocaína.

Ramos – Santos, coloque-a sob custódia.

Santos – Colocar a autora da peça sob custódia, chefe?

Ramos – Não ela! A cabeça! É uma prova.

Santos – Ah sim... É até parte da vítima...

César e Rosalie saem. Gregory e Concha Badmington chegam.

Gregory – Mas, o que está acontecendo aqui?

Ramos – Quem é esse palhaço, de novo?

João – Gregory e Concha Badmington, Comissário. O Sr. Badmington é embaixador do Panamá no Vaticano, ou vice-versa, já não tenho tanta certeza.

María – Ele também é o Vice-Presidente do Clube Filantrópico de Casteladrão.

Ramos – Bem, vamos interrogar todos eles. Ninguém sai daqui sem minha autorização.

Gregory – Mas por favor... Sou embaixador! Posso violar uma freira e matar um comissário de polícia, ou vice-versa, com total impunidade. Se não, para que serve ter um passaporte diplomático?

Ramos – Amarre esse palhaço a um radiador até que ele se acalme um pouco. O interrogaremos mais tarde.

Gregory – Vocês não sabem o que estão fazendo, Comissário. Vou reclamar no Ministério das Relações Exteriores.

Santos – Mostre seu passaporte...

Gregory entrega seu passaporte.

Santos – Panamá... Vaticano... Isso cheira a tráfico internacional de drogas, chefe... Certamente ele está fornecendo cocaína para a autora da peça.

Ramos – Como sabes que a autora desta peça é viciada em cocaína, Santos?

Santos – Chefe, como ela poderia ter escrito uma história tão delirante sem estar sob a influência de substâncias entorpecentes como cafeína ou cocacolaína?

Ramos – Estás certo, Santos... E Concha, tem permissão de residência?

Concha – Não trouxe meu passaporte! Não achei que a polícia me interrogaria ao vir passar a noite na casa dos Trompete...

María – É uma catástrofe, João...

Ramos – Você diz que é esposa do embaixador e se chama Concha.

Concha – Sim!

Ramos – Claro, Concha... Coloque-lhe as algemas, e ponha-a na geladeira, Santos. Outra porto-riquenha que vem trabalhar ilegalmente aqui.

José chega.

José – Meu filho, em nome do Senhor, peço-lhe que mostre um pouco mais de compaixão.

Ramos – Mas a este eu já conheço...

Santos – Vais à missa, chefe?

Ramos – Prendemos ele ontem na saída do instituto por exposição indecente. Não se lembra, Santos?

Santos – Ah, sim, agora que dizes... Deve ser por causa da fantasia... Vestido, não o reconheci...

Ramos – Leva esse pervertido e amarra-o ao radiador com os outros.

Santos – Espero que o radiador seja grande o suficiente...

José – Mas, vamos... Vou informar ao Papa. Você será excomungado...

Ramos (*falando sobre a cabeça*) – E se livre dessa cabeça. Tenho a sensação de que ela está me olhando de maneira estranha e me deixa desconfortável...

Santos se prepara para sair, mas examina a cabeça.

Santos – Chefe, percebeste? Está faltando a dentadura...

Ramos – Não tenho certeza se o roubo da dentadura é o motivo do crime, mas veremos. Primeiro vamos interrogar a criada. Acredite, Santos, em uma casa, sempre são os servidores que estão melhor informados.

Santos sai com os Badmington e José, enquanto João faz uma última proposta.

João – Enquanto isso, há uma boa notícia – com a gentil autorização do Comissário, o bufê está aberto... Se quiserem aproveitar...

María – Mas isso não é um jantar. Enquanto não formos membros do clube, não ousaremos, certo João?

João – É só um bufê. Só tem carne fria...

Santos sai com os Badmington e José.

João – Senhor Comissário, estamos no meio de uma tragédia.

Ramos – Me diga, Trompete, alguma vez você já fez teatro?

João – Teatro? Na verdade não, Comissário.

Ramos – Isso é o que pensei... Você realmente atua muito mal...

Santos volta com Fátima.

Ramos – Aí está Branca de Neve.

Santos – Branca de Neve? Pensei que ela se chamasse Fátima...

Ramos – É humor, Santos. Branca de Neve e os três porquinhos, não conheces?

Santos – Os três porquinhos? Pensei que fossem os sete anões...

Ramos – Esqueçe... Bem, vamos lá, Fátima. Então você é transgênero?

Fátima – O quê?

Ramos – Você pode nos contar tudo, você sabe. Temos uma mente muito aberta na polícia hoje em dia.

Santos – Eu mesmo, antes de ingressar nesta nobre instituição, estava no Alcoólicos Anônimos.

Fátima – Você parou de beber?

Santos – Não, mas desde que estou na polícia, não preciso mais me esconder.

Ramos – Bem, voltemos ao assunto. Então, Fátima, há quanto tempo você é lésbica?

Fátima – Mas eu não sou lésbica.

Ramos – Então, por que você se veste como um homem?

Fátima – Bem... porque sou um!

Santos – Como assim? Fátima, não é um nome feminino, é?

Fátima – Sim! Mas não me chamo Fátima...

Ramos – Mas seus chefes a chamam de Fátima, certo?

Fátima – Nunca entendi por quê, e não tive coragem de contradizê-los. E como tenho um nome um pouco difícil de carregar, pensei que Fátima seria mais fácil para ser contratada.

Ramos – E como você se chama?

Fátima – Me chamo Jesus.

Santos – Realmente, Jesus, para um transgênero, não é um nome fácil de carregar...

Fátima – Mas eu não sou transgênero!

Santos – Bem, e quanto a este pianista que encontramos cortado ao meio na piscina, você sabe algo?

Fátima – Acho que a Sra. Kowalski também queria que ele tocasse esta noite em sua casa.

Ramos – Kowalski? Um nome bastante suspeito para um cidadão deste país, Santos. Também a interrogaremos... Vá buscar a próxima testemunha.

Santos sai.

Ramos – Você pode ir, senhorita Fátima.

Fátima – Obrigado, Comissário.

Fátima se prepara para sair.

Ramos – Ah, mais uma coisa... Quanto você cobra pela noite?

Fátima – Estou dizendo que não sou travesti! E muito menos uma prostituta...

Ramos – Só estou procurando uma empregada de limpeza!

Fátima – À noite?

Ramos – Como muitas vezes trabalho à noite, estou procurando alguém que possa passar o aspirador em minha casa entre três e cinco da manhã. Durante o dia, eu durmo, entende? Isso me incomodaria...

Fátima – Desculpe, Comissário. Estou um pouco nervosa. Olha, aqui está meu cartão. Me ligue...

Ramos – Jesus... Um nome estranho para uma empregada de limpeza...

Fátima sai. Santos retorna com a baronesa.

Vitória – Aviso que sou Baronesa, e desço diretamente de Henrique IV pelo lado de minha mãe.

Ramos – Claro, e eu desço diretamente de Madrid pelo AVE. Acabei de ser transferido para a região. Santos, registre a Baronesa.

Vitória – Protesto!

Santos registra a baronesa.

Ramos – O que é tudo isso?

Santos – Chefe, colheres de prata, um cinzeiro publicitário, aperitivos... até mesmo uma dentadura postiça!

Ramos – A dentadura do Bandoleão!

Santos – Furto e receptação de dentadura... sabe quanto isso pode custar, Senhora Ribeiro da Prata?

Vitória – Desculpe... Sou cleptomaníaca...

Santos – Claro. Isso é o que todos os ladrões de dentadura que detemos nos dizem.

Ramos – E, obviamente, nos dirá que não viu nada sobre o pianista, certo?

Vitória – Quer dizer sobre o desempenho?

Santos – Desempenho?

Vitória – Sim. Esses artistas contemporâneos que fizeram uma intervenção artística à beira da piscina dos Trompete.

Ramos – O que você viu exatamente?

Vitória – Bem... Aconteceu na plataforma de cinco metros. Uma mulher empurrou o pianista para o trampolim como se fosse a mesa de uma guilhotina, e um homem cortou sua cabeça com uma motosserra. Não sei como fizeram o truque, mas foi realmente impactante!

Ramos – E então?

Vitória – A cabeça caiu na piscina. O corpo ficou suspenso no trampolim pelas alças. Subia e descia como um fantoche amarrado a uma borracha elástica. Foi bastante espetacular de se ver, acreditem. Devo dizer que os Trompete marcam um ponto. Eu que os considerava uns camponeses completamente alheios à arte contemporânea...

Ramos – Não devemos ter a mesma noção do que é arte moderna...

Santos – Chefe, então só precisamos identificar os dois suspeitos e nossa investigação estará encerrada.

Ramos – Desconfiemos das aparências, Santos. Tanto para o artista quanto para o trapaceiro, a realidade é apenas a aparência da realidade...

Santos – Uh... Sim, chefe...

O barão chega.

Edmundo – Não se trata uma mulher assim, Comissário. Me dará contas. (*Para Vitória*) Tudo bem, querida?

Vitória – Sim, sim... Até consegui salvar alguns canapés...

Ramos – De qualquer forma, essa história parece mais complicada do que parece. Não devemos descartar um caso de espionagem, Santos. Bandoleão viajava muito com seu trabalho. Especialmente para o Leste. Ele poderia ter sido um espião a serviço do Papa.

Santos – Dizem que este Badmington joga minigolfe com Sua Santidade...

Ramos e Santos saem.

João – Senhor Ribeiro da Prata, quando tiver um momento...

Edmundo – Sim, meu amigo.

João – Você poderia nos patrocinar para o Clube? Sabemos que acabou de abrir uma vaga...

Edmundo – Tenho que falar com o Presidente... Mas se investirem em meu negócio de aerogeradores, isso facilitaria as coisas, com certeza.

João – E por quê?

Edmundo – Não me diga, Trompete, que não se preocupa com o futuro de nosso planeta.

João – Sim, claro, mas...

Edmundo – Como sabem, o Clube Filantrópico de Casteladrão tem uma sensibilidade ecológica muito forte. Na medida do possível, nos abastecemos principalmente com produtos orgânicos, e nosso caviar vem da aquicultura equitativa.

João – Sério?

Vitória – Está com seu talão de cheques?

Saem. Ramos e Santos retornam.

Ramos – O que achas, Santos?

Santos – O caso está encerrado, chefe. Esse Trufaldinho e essa Senhora Kowalski confessaram.

Ramos – A motivação?

Santos – Bandoleão não conseguia decidir entre os dois castelos para o concerto. Kowalski o cortou ao meio.

Ramos – O julgamento de Salomão, por assim dizer... E o cúmplice?

Santos – Segundo vários testemunhos coincidentes, este Trufaldinho tem um ódio doentio pelos virtuosos do piano de cauda.

Ramos – A música de câmara também me entedia até a morte, mas de aí a deixar-se levar por tais excessos...

Santos – É isso aí, chefe. Nem sempre a música acalma as feras. De qualquer forma, é um caso resolvido rapidamente.

Ramos – Não tão rápido, Santos. Também poderia ser um acidente doméstico.

Santos – Um acidente doméstico?

Ramos – É assim que vejo. A empregada quer podar um arbusto com um cortador elétrico. Acidentalmente corta a cabeça do Bandoleão, que estava discretamente aliviando sua bexiga no canteiro de begônias. Depois, a empregada encobre este infeliz acidente como um assassinato...

Santos – Geralmente, é mais comum encobrir um assassinato como um acidente, chefe.

Ramos – Daí a dificuldade desta investigação, Santos...

Fátima retorna com João.

Fátima – Comissário, acabaram de encontrar a Senhora Badmington na câmara frigorífica do castelo, em estado de hipotermia avançada.

João – Alguém que quis liberar um segundo lugar para o Clube?

Ramos – Talvez você...

João – Comissário! Mas eu lhe asseguro que...

Santos – Chefe, fui eu quem a colocou na câmara frigorífica.

Ramos – Mas por quê?

Santos – Mandaste colocá-la na geladeira...

Ramos – Falei figurativamente, Santos!

João – Comissário, é um grave incidente diplomático! Então quer desencadear uma guerra entre nosso país e Panamá? Ou pior ainda, com o Vaticano!

Ramos – Pelo menos são duas guerras que o Exército do nosso país ainda poderia vencer apesar das restrições no orçamento de Defesa.

Santos – Sinto muito, chefe.

Ramos – Aceito deixar passar desta vez, Santos. Mas se quiser fazer carreira na polícia, terá que aprender a não interpretar tudo que eu digo literalmente...

Santos – Sim, chefe...

Saem. José chega com Gregory.

Gregory – Este castelo é insalubre, Senhor Prefeito, espero que agora esteja convencido.

José – É evidente, Senhor Embaixador. A polícia, da qual acabei de retomar o controle como Procurador Geral desta cidade, acaba de encontrar carne estragada na câmara frigorífica.

Gregory – Era minha esposa, Senhor Cura.

José – Não? E ainda por cima essa gente seria antropófaga? Ordenarei imediatamente sua expulsão do município e sua excomunhão de nossa Santa Mãe Igreja.

Gregory – Vamos, querido amigo, sejamos magnânimos. Esperemos ao menos o final deste aperitivo musical.

José – Tem razão. Não somos ambos membros de um Clube Filantrópico? Mas não se preocupe, querido amigo, poderá levar seu castelo para o Panamá, com a bênção da prefeitura e do Vaticano.

José se benze.

Ramos e Santos levam Trufaldinho e Kowalski algemados. Voltam João e Maria.

Ramos – E assim se encerra este conto...

José – Bem feito, Comissário. Pode ter certeza de que me lembrarei disso. Me encarregarei de sua promoção...

Ramos – Obrigado, Padre.

João – A você, Senhor Comissário. Graças à sua intervenção, nossa pequena reunião poderá continuar com alegria e bom humor.

Ramos – Às suas ordens. Estamos aqui para proteger os cidadãos honestos.

Santos – Senhores e senhoras... Tenham uma boa noite.

María – Mas por favor, tomem uma taça connosco. Somos amigos da polícia.

Ramos – Conhecem a regra, estimada senhora. Nunca durante o serviço.

María – Fizemos uma sangria gigante na piscina. É muito leve...

Ramos – Então só uma taça para nós dois. Santos, eu vou tomar a sangria, e comerás as frutas, está bem?

Santos – Tudo bem, chefe...

Samantha lhes serve dois copos de sangria. César e Rosalie estão voltando. César está carregando uma pintura

César – Aqui está seu retrato de família, Senhor Trombeta.

Rosália – O Senhor e a Senhora Clarinete, e sua herdeira.

María – Obrigada, mas...

João – Não me reconheço muito.

César – É arte contemporânea, querido amigo.

María – E quanto custa?

César – Vamos, Trombeta. Na arte, o dinheiro não é o mais importante. É uma obra única!

João – Quanto?

César sussurra algo em seu ouvido.

João – Ah sim, de fato... Não sei se vamos levar então...

María – Oh João! É como a foto da turma da Samantha na escola dela. Temos que levar...

Ramos se aproxima.

Ramos – Bebi muita sangria na minha vida, mas esta está realmente excelente. Me dê a receita.

María – É um segredo, Comissário. Apenas saiba que esta sangria combina perfeitamente com o seu nome...

Ramos – Intrigante, querida senhora.

María – Por favor, experimente também o churrasco.

Ela oferece um prato e ele prova um espeto.

Ramos – Excelente! É o melhor espetinho que já provei.

Santos – Sim, derrete na boca.

João – De qualquer forma, acho que desta vez o concerto está arruinado.

María – Com um pianista sem cabeça e sem piano de cauda.

João – Dizer que esse cara nos custou uma fortuna. De qualquer forma, conseguimos tirar algo disso.

Ramos – Ah sim?

María – Ele estava gordo como um porco, e sem cabeça, podemos de fato considerá-lo um porco.

João – Afinal, nós o pagamos.

María – Fizemos isso no churrasco.

Ramos – É engraçado.

Santos – Não tenho certeza se ele estava brincando, chefe.

José retorna, com um acordeão.

José – Não temos um piano de cauda... mas ainda temos o piano acordeão!

José começa a tocar e cantar.

María – Que habilidade!

Edmundo – Não esqueçam que além de ser padre, prefeito e promotor desta cidade amável, também é professor, corretor de imóveis, inspetor de impostos e médico.

María – Meu Deus! Ele é o homem-orquestra, então!

Trufaldinho faz uma aparição com sua motosserra.

Ramos – Se não há mais cadáver, então não há crime. Vamos, sejamos magnânimos. Liberemos todos esses bons cidadãos!

Santos – Houve um assassinato de qualquer maneira, chefe... E sabemos que foi o contador quem deu o golpe mortal com a motosserra?

Ramos – Não seja tão rígido, Santos. Embora pessoalmente, eu ache que deveríamos colocar todos os contadores na prisão.

José – O Senhor já o perdoou.

Ramos – Faremos parecer um acidente de churrasco.

Rosália – Como é útil ter amigos na polícia.

María cutuca João com o cotovelo.

María – E para nossa adesão ao Clube, Senhor Prefeito, você poderia fazer algo?

José – Escute, querida amiga, passe para me ver amanhã após minha missa na prefeitura. Vamos conversar sobre tudo isso com mais calma...

José se afasta.

César – No final, esta noite foi um sucesso.

João – Você faz parte do Clube?

César – Pense! Os bufões não fazem parte do clube, mas têm direito a se alimentar de graça no bufê enquanto zombam de seus anfitriões.

João – Ah, sim.

César – E além disso, compartilho bastante a opinião de Marx – nunca farei parte de um clube que me aceitaria como membro.

João – Não sabia que Karl Marx tinha dito isso.

Rosália – Não Karl, meu amigo. Groucho!

César e Rosália se afastam.

Gustavo – Você é realmente homossexual?

Samantha – Por quê? Quer tentar a sorte?

Gustavo – Gostaria de ter certeza de que é uma oportunidade primeiro.

Ela o beija surpreendentemente, ele deixa e parece gostar. Ela solta o abraço.

Samantha – O que você acha?

Gustavo – Você quer ser minha esposa, Samantha?

Samantha – Aviso você, meu pai vende salsichas.

Gustavo – Aviso você, meu pai não tem mais nada para vender. Exceto eu...

Eles se beijam novamente. João e Maria os observam. Eles parecem desconcertados.

João (para Maria) – Você acha que ainda temos uma chance de sermos admitidos no Clube?

Maria – Quem sabe...?

José chega com a faixa tricolor envolvendo sua batina.

José – Diante da falta da extrema união, ofereço-me para celebrar este casamento imediatamente.

Samantha – Casamento civil e religioso ao mesmo tempo. É uma dupla condenação, mas pelo menos será mais rápido!

Fátima volta com uma bandeja de espetinhos.

Fátima – A senhora está servida!

Maria – É apenas um aperitivo...

César – Bem... Viemos aqui para comer, então vamos comer.

Gregory – Está muito bom, o que é?

João – É Bandoleão.

Gregory – Eu estava falando do churrasco.

João – Sim, eu também...

Fátima sai. Eles continuam comendo.

José – Com tudo isso, ainda não temos um candidato sério para substituir o eminente membro do Clube que acabou de nos deixar...

Fátima volta com uma mala na mão.

María – Mas o que estás fazendo com essa mala, Fátima?

João – Estás indo de férias para Marrocos?

María – A noite ainda não acabou...

Fátima – Apresento minha renúncia, Senhor Trombeta.

María – Não me digas que finalmente aceitaste ser subornada por aquela bruxa da Kowalski.

Fátima – Não, senhora, acalme-se.

João – Bem, então, o quê? Não te sentes bem connosco?

Fátima – Sim, mas o bilhete de loteria que o senhor me deu é um bilhete premiado.

María – Não me diga...

João – Quanto?

Fátima – 63 milhões.

María – 63 milhões de quê? Dirhams?

Fátima – Euros.

José – 63 milhões...? Bem, Senhor Fátima... Bem-vindo ao Clube!

João – Como?

José – A partir de 50 milhões, você é automaticamente admitido como membro honorário do Clube Filantrópico de Casteladrão.

María – Mas, Senhor Prefeito... Quero dizer, Senhor Padre... Fátima é árabe. E provavelmente também muçulmana...

José – Não se preocupem com isso. A partir de 50 milhões de património, nós, os ricos, somos todos irmãos. E somos guiados por um espírito muito ecuménico.

Edmundo – Seria uma boa partida para você, Gustavo... Em vez desses vendedores de salsichas baratas.

Gustavo – O Senhor Fátima..? Mas afinal, nem sequer sabemos se é mulher ou homem?

Vitória – Ninguém é perfeito...

Edmundo – E a partir de certo nível de pobreza, um nobre não deve ser muito exigente em relação ao gênero da pessoa que restaura sua fortuna.

Edmundo (*para Gustavo*) – Vamos, Gustavo!

José volta a tocar o acordeão. Gustavo convida Fátima para dançar. Todos dançam em pares. Exceto César e Rosália.

Rosália – Meu querido amigo, o mundo é um jantar dos malas.

César – E dizer que mal começamos o aperitivo...

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação pública fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no
vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Maio de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-207-4

Documento para download gratuito